

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-03-20

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Antunes, C. & Costa, P. (2017). O campo expandido da Arquitectura e as novas formas de intervenção espacial. In V. Rato, T. P. Pinto (Ed.), *Colóquio Territórios Metropolitanos Contemporâneos 2016*. (pp. 49-58). Lisboa

Further information on publisher's website:

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12476>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Antunes, C. & Costa, P. (2017). O campo expandido da Arquitectura e as novas formas de intervenção espacial. In V. Rato, T. P. Pinto (Ed.), *Colóquio Territórios Metropolitanos Contemporâneos 2016*. (pp. 49-58). Lisboa. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

O CAMPO EXPANDIDO DA ARQUITETURA E AS NOVAS FORMAS DE INTERVENÇÃO ESPACIAL

Cláudia Antunes

Pedro Costa

RESUMO

O presente artigo parte do conceito de “campo expandido”, desenvolvido por Rosalind Krauss no seu ensaio “Sculpture in the Expanded Field” (1979), para argumentar uma expansão da prática arquitectónica por meio das artes, estabelecendo um paralelo entre o campo expandido da escultura, onde a arquitetura teve um papel importante, e a recente expansão da arquitetura onde as artes têm agora uma forte influência.

Nos últimos anos, temos assistido a um crescente número de intervenções urbanas, protagonizadas por colectivos de artistas e arquitectos, onde através de uma nova relação entre arte e arquitetura se procura desenvolver processos de regeneração urbana, assentes na experiência e na participação dos seus utilizadores. Este tipo de intervenções procuram valorizar a importância do espaço público/coletivo na sua dimensão experimental e relacional, bem como o carácter efémero e transitório da cidade contemporânea. Através da utilização de mediums como a instalação, a performance, ou socially engaged art, estes colectivos desenvolvem projectos que procuram a activação do espaço público e a sua progressiva regeneração, através da introdução de novas dinâmicas no espaço urbano e não tanto pelo objecto arquitectónico.

Assim, a partir da observação do trabalho de alguns destes colectivos, procuraremos analisar a influência das práticas artísticas na arquitetura e de que modo estas podem contribuir para uma expansão da prática arquitectónica, desenvolvendo novos mecanismos para a intervenção no espaço público.

Palavras-Chave: Arte; Arquitetura; Espaço Público; Campo Expandido

1. INTRODUÇÃO

“Over the last ten years rather surprising things have come to be called sculpture: narrow corridors with TV monitors at the ends; large photographs documenting country hikes; mirrors placed at strange angles in ordinary rooms; temporary lines cut into the floor of the desert. Nothing, it would seem, could possibly give to such a motley of effort the right to lay claim to whatever one might mean by the category of sculpture. Unless, that is, the category can be made to become almost infinitely malleable.”

Rosalind Krauss, *Sculpture in the Expanded Field* (Krauss, 1985, p.277)

Partindo do texto de Rosalind Krauss, podemos dizer que nos últimos 10 anos, coisas surpreendentes têm sido apelidadas de arquitetura: workshops comunitários; instalações temporárias em espaços públicos; acções performativas. Tal como a autora escreveu em 1979, no seu ensaio

seminal “Sculpture in the Expanded Field”¹, no final da década de 1960 e inícios de 1970, a categoria de escultura tornou-se cada vez mais maleável e permeável a novos *mediums* e a outras práticas disciplinares, contribuindo para uma expansão do campo da escultura. Se, como refere Miwon Kwon (2014), durante esse período, os termos “arquitetura” e “paisagem” foram importantes para a expansão da escultura na sua ruptura pós-moderna², também na arquitetura, assistimos hoje

¹ Rosalind E. Krauss “Sculpture in the Expanded Field”, publicado pela primeira vez na revista *October* no.8, *spring* 1979, p 30-44. Foi posteriormente republicado em “The Anti-Aesthetic: Essays on Postmodern Culture”, ed. Hal Foster (Seattle: Bay Press, 1983), pp.31-42 (republicado com um numero limitado de imagens); e no seu livro, Rosalind E. Krauss, “The Originality of the Avant-Garde and other Modernist Myths” (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985), pp.276 - 290. Mais recentemente foi ainda republicado no livro “Retracing the Expanded Field, Encounters between Art and Architecture”, Spyros Papapetros and Julian Rose (ed.)(Cambridge, Mass.: MIT Press, 2014), pp.130 - 144.

² Miwon Kwon refere a importância dos termos “arquitetura” e “paisagem” como dois termos exteriores à prática da escultura, mas que assumiram um papel importante para a “redefinição da sua identidade” durante

a uma apropriação de outras práticas disciplinares do meio das artes plásticas (nomeadamente a instalação e a performance artística), como estratégia de regeneração urbana, mobilizando práticas artísticas como intervenção arquitectónica. Neste sentido, podemos dizer que a categoria de arquitetura se tornou cada vez mais “maleável” e aberta a outras formas de intervenção espacial no espaço público, contribuindo para uma expansão da prática disciplinar da arquitetura.

O objectivo deste texto é discutir esta questão. Partindo da noção de campo expandido, da forma como foi proposta e problematizada por R. Krauss para o campo da escultura, procura averiguar-se a pertinência da sua utilização para o que se passa com o campo da arquitetura na contemporaneidade.

Na próxima secção, dá-se conta das tentativas de aplicação da noção de campo expandido à arquitetura e da forma como estas desafiam o nosso propósito de investigação. Na secção seguinte equaciona-se a forma como novas práticas espaciais podem configurar uma expansão da arquitetura através das artes, sendo apresentados três exemplos concretos. A quarta secção problematiza esta ideia de expansão da arquitetura através das artes procurando identificar os seus elementos analíticos fundamentais. Finalmente, uma breve nota conclusiva abre-nos as perspectivas para a reflexão de aprofundamento desta questão, a desenvolver em futuros trabalhos.

2. O CAMPO EXPANDIDO E A ARQUITETURA

Anthony Vidler e Jane Rendell, terão sido os primeiros a aplicar o termo “campo expandido” à arquitetura. No seu texto “Architecture’s Expanded Field”³, Anthony Vidler (2010) fala numa expansão

esse período (Kwon, 2014, p115).

³ Anthony Vidler, “Architecture’s Expanded Field” publicado em, A. Krista Sykes (ed.) *Constructing a new agenda for architecture: architectural theory 1993-2009* (New York. Princeton Architectural Press, 2010), 320-31. Foi publicado pela primeira vez em *Architecture Between Spectacle and Use*, ed. A. Vidler (Sterling and Francine Clark Art Institute: Williamstown, Mass., 2008), 143-54; Uma primeira versão de “Architecture’s Expanded Field” foi originalmente publicada na revista *Artforum* 42, no.8 (Apr. 2004)

da arquitetura que envolve relações com a paisagem e com a escultura, associado às questões do urbanismo, do lugar e da monumentalidade (Sykes, 2010a). Também Jane Rendell, no seu livro “Art and Architecture: A Place Between” (Rendell, 2006), argumenta a existência de um campo expandido na arquitetura através da relação entre arte, arquitetura e crítica, a que chama de “critical spatial practice” (Rendell, 2006, p.1), onde a arquitetura, tal como no caso das artes plásticas, pode assumir uma acção crítica enquanto intervenção arquitectónica. De facto muitas das recentes intervenções urbanas, procuram assumir uma posição crítica em relação ao espaço onde estão a intervir, propondo novas formas de actuação sobre o espaço público. Nesse sentido podemos dizer que também estas intervenções urbanas desenvolvidas por artistas e arquitectos no espaço público, se encontrarão no campo de *critical spatial practice*, definido por Jane Rendell, como será, por exemplo, o caso do trabalho do colectivo britânico *muf architecture/art* (Rendell, 2006).

Não obstante podermos considerar que este tipo de intervenções urbanas se enquadram, portanto, naquilo que Jane Rendell denomina por *critical spatial practice*, o que pretendemos argumentar aqui, é a existência de um campo expandido na prática disciplinar da arquitetura, não numa óptica de crítica espacial, mas antes de expansão metodológica, em que a arquitetura se abre a novas formas de operar no espaço público, de acordo com os novos desafios urbanos, onde questões como, a participação, o colectivo e a efemeridade do espaço, ganham uma nova relevância no contexto urbano contemporâneo. É nesse sentido que a arte pode contribuir para uma expansão da prática arquitectónica, trazendo para a prática projectual outros *mediums*, como a instalação e a performance, que podem abrir caminho a uma nova forma de pensar os problemas urbanos, numa cidade que deixou de ser estática e perene para passar a ser dinâmica e efémera.

Quando Rosalind Krauss escreveu o seu ensaio “Sculpture in the Expanded Field”, o seu principal objectivo era redefinir o campo sobre o qual se organizava a escultura contemporânea (Krauss, 2014, p.2), que até aí havia sendo produzida (nomeadamente entre 1968 e 1970) por artistas como Robert Morris, Robert Smithson, Michael Heizer, Richard Serra, Walter De Maria, Robert Irwin, Sol LeWitt ou Bruce Nauman (Krauss, 1985,

p. 287). Segundo Krauss, as obras destes artistas operam num novo contexto, fora dos anteriores parâmetros da escultura moderna, criando uma “ruptura histórica”, organizando-se a partir de um novo contexto cultural que a autora denomina de pós-moderno (Krauss, 1985, p.287). Deste modo, o seu ensaio propõe-se redefinir os parâmetros que definiam a escultura, criticando o conceito de “pluralismo”, muito presente em alguns críticos seus contemporâneos, para falar de uma crescente abertura e interdisciplinaridade no campo das artes visuais (Krauss, 2014, p.2). Assim, seguindo o mesmo propósito de Rosalind Krauss, pretendemos aqui usar o conceito de “campo expandido” para redefinir e delimitar as recentes intervenções urbanas desenvolvidas por colectivos de artistas e arquitectos, não argumentando apenas uma ampliação da intervenção arquitectónica, mas procurando analisar o trabalho destes colectivos e contextualizar algumas destas práticas que têm contribuído para a criação de novos métodos de intervenção urbana e espacial. O que pretendemos é estabelecer um paralelo entre a expansão da escultura (a partir do final da década de 1960), onde a arquitetura teve um papel preponderante, e a “expansão” da arquitetura contemporânea, onde as artes têm agora um papel fundamental.

através das Artes - as novas práticas espaciais

“(…) Architects suffer from the same studio syndrome. They work out of their offices, terrace the landscape, and place their buildings into the carved site”⁴.

Richard Serra em entrevista a Peter Eisenman (1983)

Em 1983, numa entrevista ao arquitecto Peter Eisenman publicada pela primeira vez na revista *Skyline*, Richard Serra proferia esta afirmação ao comparar o trabalho de alguns arquitectos à escultura moderna produzida em estúdio e posteriormente ajustada ao espaço público (*site-adjusted*), não estabelecendo nenhuma relação com o lugar (Serra dá como exemplo a escultura de Henry Moore). Segundo Richard Serra também alguns arquitectos sofreriam do mesmo problema, sugerindo que muita da arquitetura até então produzida, não estabelecia uma relação crítica e interessante com o lugar, constituindo-se apenas como objectos “cravados” no terreno.

Se Richard Serra em 1983 criticava a não relação da arquitetura com o lugar, para se preocupar essencialmente com a imagem estética do edifício, o que assistimos desde então é a uma crescente valorização da imagem e à comodificação da arquitetura a partir do objecto arquitectónico, onde os edifícios atingem um grande valor de mercado⁵. Ora é, por sua vez, em oposição a este tipo de entendimento da arquitetura, focada no objecto arquitectónico, que colectivos de arquitectos, artistas e designers desenvolvem um tipo de intervenção espacial mais próxima do lugar, associado ao espaço urbano e em relação directa com a comunidade, focando-se mais no processo e na percepção espacial, e não tanto no objecto

⁴ publicado em, *Richard Serra/ Writings/ Interviews* (Chicago and London, The University of Chicago Press, 1994), p. 143; Esta entrevista foi publicada pela primeira vez na revista *Skyline* (New York, Abril 1983), p.146

⁵ Nishat Awan, Tatjana Schneider e Jeremy Till referem que: “the equation *architecture=building* magnifies the commodification of architecture. Buildings are all too easily appropriated into the commodity exchange of the marketplace” (Awan et al., 2011, p. 28).

arquitectónico⁶. Se por um lado existe uma reacção à utopia modernista, por outro surge uma nova utopia, com base nas experiências *neo-avant-garde* [período historicamente situado entre meados da década de 1950, até meados da década de 1970 (Hopkins, 2006, p.1)], em que o espaço público e o espaço urbano são entendidos como espaços de relação e de experimentação, onde cada indivíduo participa na sua construção [princípios assentes nas teorias de Henri Lefebvre sobre o urbano em “O Direito à Cidade” (2012), de Guy Debord e Constatnt Nieuwenhuys através da Internacional Situacionista (in, McDonough, 2002) ou de Merleau-Ponty, sobre a percepção em, “Fenomenologia da Percepção” (1999)]. Neste sentido, a arquitetura é vista como um dispositivo, e não como um fim em si mesmo⁷.

Entre outros, trabalhos como os que têm vindo a ser realizados pelos colectivos Assemble, Raumlaborberlin e Plastique Fantastique, são exemplo deste novo tipo de prática arquitectónica. A escolha deste três colectivos prende-se, com a relevância, consolidação e diversidade do seu trabalho em torno deste tipo de práticas, bem como pela sua exemplaridade. Detenhamo-nos um pouco em cada um destes três casos.

Colectivo Assemble

Recentemente, um colectivo de artistas e arquitectos foi nomeado para o Turner Prize 2015, vencendo este prémio de arte contemporânea⁸. O colectivo Assemble (colectivo de arte/arquitetura fundado em Londres, 2010) venceu o Turner Prize 2015 com o seu projecto *Granby Four Streets*⁹,

um projecto ainda em fase de desenvolvimento, que procura reabilitar um conjunto de habitações degradadas em Toxteth, Liverpool. Em associação com a comissão de moradores já existente, fundada para a reabilitação daquele conjunto habitacional, o colectivo Assemble desenvolveu o projecto *Granby Workshop*¹⁰, um workshop comunitário, onde foram produzidos objectos de design únicos, desenvolvidos através de uma parceria entre artistas e comunidade local, com o intuito de construir mobiliário e revestimentos para a remodelação do interior das habitações e financiar também a sua recuperação. Ao mesmo tempo, este workshop procura promover um apoio social a uma zona progressivamente abandonada, procurando capacitar a comunidade de um conjunto de novas valências. A entrega deste prémio ao colectivo Assemble (sendo esta a primeira vez, na história deste prémio, que um colectivo de arquitectos é vencedor) denota o crescimento e aceitação deste tipo de projectos por parte das comunidades, bem como o seu reconhecimento pelas instituições, como uma forma eficaz de regeneração urbana e aspirando a uma nova relação entre arte e arquitetura. O trabalho do colectivo Assemble é um exemplo de como através de práticas colaborativas [um tipo de intervenção associado às artes que tem sido aproximado, entre outras designações, por definições como as de *socially engaged art*, *social practice* ou como refere Claire Bishop, *participatory art* (Bishop, 2012, p.1)] se procura desenvolver uma revitalização sustentável da cidade e do espaço urbano.

Raumlaborberlin

Um segundo exemplo deste tipo de práticas é o trabalho desenvolvido pelo colectivo berlinense Raumlaborberlin (fundado em Berlim, 1999). No manifesto de intenções publicado no seu site oficial da internet, com o título “Experimental Architectural Practice”¹¹, definem-se como “uma rede, um colectivo de 8 arquitectos que se juntaram

⁶ A título de exemplo, o colectivo Raumlaborberlin, no seu *Statement*, publicado na sua pagina oficial da internet, define arquitetura como: “Architecture is an experimental laboratory for a moment related to the participatory work practice in urban areas. Architecture is understood not as an object, but rather as history, a layer of the history of the place.” publicado em: <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

⁷ “Architecture is a tool, in the search for a city of possibilities, the city of tomorrow!” Raumlaborberlin, *Statement*, publicado em: <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

⁸ Para mais informações sobre a esta edição do prémio Turner Prize 2015, ver: <http://www.tate.org.uk/whats-on/tramway/exhibition/turner-prize-2015> (consultado a 4 de Abril 2016)

⁹ Para mais informações sobre o projecto *Granby Four*

Streets, ver: http://assemblestudio.co.uk/?page_id=862 (consultado a 13 de Abril 2016)

¹⁰ <http://www.granbyworkshop.co.uk/pages/about-us> (consultado a 4 de Abril, 2016)

¹¹ <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

numa estrutura de trabalho colaborativa¹². O seu trabalho centra-se na “intersecção entre arquitetura, planeamento urbano, arte e intervenção urbana”¹³ onde a cidade e a renovação urbana são abordados enquanto processo¹⁴. As suas intervenções incidem sobre locais abandonados, expectantes, que podem conter um princípio de mudança, mas que até ai têm sido desvalorizados. Com as suas intervenções procuram introduzir uma nova dinâmica em espaços urbanos desqualificados, com vista à sua revitalização, através de uma relação directa com os habitantes, procurando integrá-los como parte do processo e da intervenção. Um dos projectos desenvolvidos neste âmbito é o projecto “Eichbaumoper”¹⁵(2009), que pretendia a revitalização da estação de metro Eichbaum, localizada no cruzamento das cidades de Essen e Mülheim, através da criação de uma “opera house”, onde cantores e músicos se misturam com transeuntes e a música se mistura com os sons do quotidiano daquele lugar. Ao introduzir um novo contexto neste espaço anteriormente degradado, procura-se criar outra dinâmica e uma nova percepção do espaço por parte dos seus habitantes quotidianos, potenciando a sua transformação e revitalização¹⁶.

¹² “(...) raumlaborberlin is a network, a collective of 8 trained architects who have come together in a collaborative work-structure.” Raumlaborberlin, *Statement*, publicado em, <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

¹³ “We work at the intersection of architecture, city planning, art and urban intervention.” Raumlaborberlin, *Statement*, publicado em <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

¹⁴ “We do not solve problems, rather we initiate processes that give actors the opportunity to know, understand and use the city and its dynamics, as well as its possibilities.” Raumlaborberlin, *Statement*, publicado em, <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

¹⁵ Para uma melhor compreensão do projecto ver: <http://raumlabor.net/eichbaumoper/> (consultado a 12 de Abril 2016)

¹⁶ “We move programmatic narratives into urban spaces, install new atmospheres and create a sense of new potential. Through the participation of local actors in cooperation with experts from all creative disciplines, new fields of action are discovered, tested, and projected into the future.” Raumlaborberlin, *Statement*, publicado em, <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016)

Plastique Fantastique

Por último, o trabalho do colectivo Plastique Fantastique (uma *plataforma para a arquitetura temporária*, fundada em Berlim, 1999¹⁷), põe em evidência a efemeridade do espaço público. O seu trabalho centra-se na construção de grandes infra-estruturas insufláveis, tendo como principal preocupação a “criação de um espaço público partilhado e envolver os cidadãos em processos criativos”¹⁸. As suas infra-estruturas temporárias procuram desenvolver a interacção entre a comunidade e o espaço público, valorizando a experiência sensorial do espaço e a efemeridade da cidade contemporânea. Neste sentido, podemos relacionar o seu trabalho com as teorias urbanas de Henri Lefebvre sobre a cidade ideal, a cidade efémera, e a consciência de que “a arquitetura considerada isoladamente não poderia nem restringir possibilidades, nem por si própria abri-las” (Lefebvre, 2012, p. 135), ou seja, a relação entre arte e arquitetura é uma premissa importante para a construção do espaço público contemporâneo onde se re-equacionam as relações de espaço-tempo, individual e colectivo, institucional e lúdico.

4. A EXPANSÃO DA ARQUITETURA ATRAVÉS DAS ARTES – ELEMENTOS ANALÍTICOS FUNDAMENTAIS

Este pequeno conjunto de exemplos ilustra o modo como este tipo de intervenções se tem generalizado na prática arquitectónica contemporânea, contribuindo para uma expansão da arquitetura através de um olhar sobre a prática artística, procurando trazer para a sua prática disciplinar um conjunto de métodos operativos que ajudem a repensar o papel do arquitecto na resolução dos problemas do espaço público e do espaço urbano contemporâneo.

Ao analisarmos os trabalhos destes grupos, percebemos que em comum têm o facto de definirem

¹⁷ <http://www.plastique-fantastique.de/Plastique-Fantastique> (consultado a 4 de Abril 2016)

¹⁸ “(...)creating and sharing public space and involving citizens in creative processes.” Plastique Fantastique, *Platform for temporary architecture*, <http://www.plastique-fantastique.de/Plastique-Fantastique> (consultado a 4 de Abril 2016)

o seu trabalho como colaborativo e activador de espaço público, tendo como objectivo envolver a comunidade num diálogo crítico sobre a cidade, através de acções colectivas, onde o espectador é parte da intervenção. Da mesma forma, é importante notar a crescente necessidade sentida por vários grupos de arquitectos em desenvolver um trabalho que se organiza através de uma estrutura horizontal, não hierárquica, baseada numa lógica de autonomia de encomenda, que valoriza a importância da interdisciplinaridade e com foco nas questões urbanas, procurando desenvolver projectos capazes de gerar regeneração urbana através da participação colectiva e não por força do objecto arquitectónico. Como referem Nishat Awan, Tatjana Schneider e Jeremy Till no livro *Spatial Agency, Other Ways of doing Architecture* (Awan et al. 2011) para estes grupos “edifícios e espaços são tratados como parte de um contexto dinâmico de redes”¹⁹, a arquitetura é vista não apenas enquanto objecto arquitectónico mas enquanto problemática espacial - “*spatial*”²⁰- expandindo-se a uma outra forma de fazer e pensar a arquitetura, valorizando o processo e acção crítica sobre o lugar - “*praxis*”²¹ - numa relação que envolve um conjunto mais alargado de premissas e de agentes que se estabelecem em rede. Como sublinham também os mesmos autores (Awan et al, 2011), é claro para estes colectivos que “a produção espacial pertence a um grupo mais alargado de actores - de artistas a utilizadores, de políticos a construtores - com um conjunto diversificado de habilitações e de intenções”²².

Uma primeira resposta a este novo modo de pensar a arquitetura e a prática arquitectónica, estará na consciência da necessidade de uma arquitetura que se adapte às exigências de uma cidade em

constante mutação, fruto da “terceira revolução urbana”, como refere François Ascher, e que se define como “móvel e telecomunicante, feita de novas arbitragens entre as deslocações das pessoas, dos bens e das informações, animada por acontecimentos que exigem a co-presença e na qual a qualidade dos lugares mobilizará todos os sentidos, incluindo o tacto, o paladar e o olfacto” (Ascher, 2012, p.66). Podemos perceber no trabalho destes colectivos uma forte consciência do carácter “multissensorial” (Pallasmaa, 2005, p.39) da arquitetura e da nossa relação com o espaço urbano através de uma experiência física com o lugar. Com efeito, como refere Juhani Pallasmaa em os *Olhos da Pele: A arquitetura e os sentidos*, “Eu confronto a cidade com o meu corpo; (...) Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal” (Pallasmaa, 2005, p.37-38). Esta consciência é expressa não só através do foco em projectos que procuram explorar o carácter perceptivo do espaço, por meio da experiência dos seus utilizadores, como pelo desenvolvimento de um cada vez maior número de projectos DIY (do it yourself) onde a comunidade é encorajada a participar na construção do seu espaço público, através de workshops, jogos ou outro tipo de actividades. O projecto “Sound of Light” do colectivo *Plastique Fantastique* em colaboração com Marco Barotti e os projectos “Granby Workshop” ou “Folly for a Flyover” do colectivo *Assemble*, são bons exemplos deste tipo de abordagens²³.

Já em 1983 (na mesma entrevista dada a Peter Eisenman), Richard Serra colocava a questão (em relação à arquitetura) sobre se as pessoas seriam capazes de ler a sua estrutura interna de forma perceptiva ou tátil, fisicamente²⁴. Ora, é

¹⁹ “Buildings and spaces are treated as part of a dynamic context of networks.” (Awan et al, 2011, p. 28)

²⁰ “Spatial does not so much replace architectural as a term, but radically expands it.” (Awan et al, 2011, p. 29)

²¹ “Praxis, in the sense of action propelled by a critical understanding of external conditions, moves away from the normative concerns and structures of traditional practice, and also away from the endless deferral and retreat of “critical” theory and practice.” (Awan et al, 2011, p. 29)

²² “(...) spatial production belongs to a much wider group of actors - from artists to users, from politicians to builders - with a diverse range of skills and intents.” (Awan et al, 2011, p. 28)

²³ Para uma melhor compreensão do projecto “Sound of Light” do colectivo *Plastique Fantastique* em colaboração com Marco Barotti ver: <http://www.plastique-fantastique.de/SOUND-OF-LIGHT>. Para uma melhor compreensão dos projectos “Granby Workshop” e “Folly for a Flyover” do colectivo *Assemble* ver respectivamente: <http://www.granbyworkshop.co.uk/pages/about-us>; http://assemblestudio.co.uk/?page_id=5 (consultado a 17 maio 2016)

²⁴ “RS: What I wonder about architecture is whether people read the significance of its internal structure perceptually or haptically, physically.” Richard Serra in an Interview by Peter Eisenman, in *Richard Serra/ Writings/ Interviews* (Chicago and London, The University of Chicago Press, 1994),p. 143;

também aqui que a arte, nomeadamente através da instalação e da performance, pode desempenhar um papel importante na construção de um espaço que estimule a percepção e a experiência sensorial, adaptado às questões urbanas.

Será, possivelmente, a partir deste novo diálogo entre arte e arquitetura, que podemos pensar na construção de uma arquitetura verdadeiramente fenomenológica, como defendiam Christian Norberg-Schulz (2006) e Juhani Pallasmaa (2006), assente na construção do lugar e na experiência espacial, aplicada agora ao espaço urbano.

A possibilidade de pensarmos um campo expandido para a arquitetura está, precisamente, no facto de um vasto conjunto de arquitectos procurar definir e enquadrar o seu trabalho noutra perspectiva, fora dos anteriores parâmetros da prática arquitectónica, mas que não invalida a primeira. Nishat Awan, Tatjana Schneider e Jeremy Till focam igualmente esta ideia ao referirem: “But, again, this does not mean abandoning the skills and ways of thinking that go into the production of buildings; instead we argue that they can be deployed and developed in other settings as well.” (Awin et al, 2011, p. 28). Neste sentido, podemos definir uma nova forma de “prática espacial” que se desenvolve em paralelo com a anterior prática arquitectónica, mas que procura responder e explorar os limites e exigências da cidade contemporânea, abrindo-se a um mais vasto conjunto de possibilidades, onde a arte, através dos *mediums* da instalação e da performance, se constitui como um conjunto de “possibilidades expansivas” para a arquitetura.

No entanto, apesar de podermos argumentar a existência de um campo expandido para a arquitetura através das artes, é importante referir que muitas das questões que são postas em causa por parte destes colectivos de artistas e arquitectos não são questões novas para a arquitetura, como a importância do processo na prática arquitectónica, a interdisciplinaridade, ou a construção de uma arquitetura mais fenomenológica ao nível urbano. O que realmente diferencia estas intervenções é o novo contexto cultural onde estas estão inseridas, onde vemos uma nova reorganização da prática profissional e a incorporação de novos *mediums* que procuram dar resposta às exigências da cidade contemporânea e do novo espaço público, hoje

definido como espaço colectivo ou relacional²⁵. Assim, podemos equacionar esta expansão da arquitetura como um desdobramento da prática arquitectónica, para repensar a sua relação com o urbano, procurando desenvolver novas metodologias para responder aos desafios do novo espaço e do novo tempo que caracterizam o espaço colectivo/relacional, que, como definem Gausa et al (2001), já não é um espaço composto por “desenhos fechados” e “imagens puras”, mas um “espaço de novas paisagens para a interacção e a apropriação”; um espaço composto não por um desenho formal, mas por dispositivos informais²⁶. O novo espaço colectivo exige um novo desenho e novos “dispositivos abertos á mudança” (Gausa et al, 2001, p.204), capazes de integrar “o ócio, o desporto, a cultura, o associativismo, a intercomunicação, a diversidade e a relação” (Gausa et al, 2001, p.204).

A relevância deste tipo de intervenções e da crescente relação interdisciplinar entre arquitectos e artistas, poderá estar, precisamente, no facto de podermos mais uma vez colocar a questão, *para que serve a arquitetura?*, sendo que a resposta estará, como refere Pedro Gadanho no seu ensaio “para que serve a arquitetura?” (Gadanho, 2006), na capacidade que cada arquitecto tem, através

²⁵ Manuel Gausa refere que a anterior denominação de espaço público é hoje designada como espaço colectivo ou relacional. Para uma definição completa de espaço publico e privado, espaço colectivo ou relacional, ver Gausa et al (2001) pp. 203-204

²⁶ Manuel Gausa et al (Gausa et al, 2001) definem espaço colectivo ou relacional como: “espacio colectivo o relacional (antes público): Del espacio público hemos pasado al espacio relacional. Un espacio auténticamente colectivo abierto al uso, al disfrute, al estímulo, a la sorpresa: a la actividad. A la indeterminación de lo dinámico, del intercambio entre escenarios activos y paseantes-usuarios-actores activadores. Ya no, pues, un espacio de “arredo urbano”, una mera recreación neomonumentalizadora apoyada en diseños cerrados, es decir, en imágenes “puras”, acabadas (...) sino un espacio de nuevas paisajes—o paisajes de paisajes— para la interacción y la apropiación. No ya diseños formalizadores sino dispositivos informalizadores. No ya modelos cívicos sino situaciones mestizas. Dispositivos—diseños tácticos— abiertas al cambio y generadoras de acción y mixicidad, capaces de combinar la alegría plástica con la incorporación de instalaciones temporales para el ocio, el deporte, la cultura, el asociacionismo, la intercomunicación, la diversidad, la relación y, en definitiva, la proyección del ciudadano.” (Gausa et al, 2001, p. 204).

da sua obra, de produzir a sua *versão-do-mundo* (Gadano, 2006). Neste sentido, e para estes colectivos, os *mediums* da arte constituem-se como um dispositivo capaz de construir uma nova *versão-do-mundo*²⁷ e de colocar novamente a pergunta, *o que é a arquitetura? e para que serve a arquitetura?* contribuindo, mais uma vez, para a dimensão crítica da arquitetura e para a expansão do seu campo disciplinar.

A relevância de traçar um novo campo expandido para a arquitetura está na necessidade de nomear e delimitar as potencialidades expansivas da disciplina em termos de método operativo, através de outras formas artísticas, num período de nova abertura dos campos disciplinares, associado a uma mudança na sociedade e cidade contemporânea, que exige novas respostas à arquitetura. Assim, se por um lado a arquitetura, durante um certo período, serviu de *input* à escultura, o diagrama²⁸ apresentado por Rosalind Krauss permite-nos equacionar que o contrário também seria possível e que existe uma potencialidade na arquitetura para além da imagem construída e da lógica do edifício. Como refere Julian Rose (2014), o interesse dos arquitectos neste ensaio talvez seja o facto de este sugerir uma relação entre as duas disciplinas, onde a arquitetura é uma fonte de possibilidades expansivas²⁹.

²⁷ A expressão *versões-do-mundo*, utilizada por Pedro Gadano faz referência ao livro de Nelson Goodman, *Ways of Worldmaking*, Indianapolis, Hackett Publishing Company, 1978 (versão portuguesa: *Modos de Fazer Mundos*, Porto, Edições Asa, 1995), in Gadano (2006) p.6 .

²⁸ Para uma melhor compreensão do diagrama elaborado por Rosalind Krauss em "Sculpture in the Expanded Field" ver Krauss, R. (1985) pp. 283-84.

²⁹ "But maybe this is the real reason architects still read the essay today—because it suggests a relationship between the two disciplines in which architecture is no longer just a straw man, but a source of genuinely expanded possibilities" (Rose, 2014, p.127)

5. NOTA CONCLUSIVA

Neste artigo pretendeu-se aplicar o conceito de *campo expandido*, desenvolvido por Rosalind Krauss, à arquitetura, relacionando a expansão da escultura (durante o final da década de 1960 e início de 1970) com a recente expansão da arquitetura associado às novas práticas espaciais.

Procurámos argumentar uma expansão da arquitetura a partir de uma relação próxima com o ensaio de Rosalind Krauss, onde a autora define a expansão da escultura a partir dos termos "arquitetura" e "paisagem". Assim, se a determinada altura a arquitetura contribuiu para uma expansão da escultura, na sua ruptura pós-moderna, o que argumentamos é a possibilidade de uma expansão da arquitetura através da arte onde a integração de *mediums* como a instalação e a performance artística na prática arquitectónica contribuem para o desenvolvimento de novas práticas espaciais associadas ao espaço público e às questões urbanas. Podemos estabelecer esta relação através da identificação de um conjunto comum de premissas, presentes tanto na expansão da escultura como da arquitetura, tais como, a relevância dada ao processo em detrimento do objecto, a procura de uma relação mais fenomenológica com o espaço através da experiência dos seus utilizadores, e uma maior valorização do espaço público.

Assim, procuramos argumentar um campo expandido para a arquitetura em termos de prática arquitectónica, onde são introduzidos novos mecanismos operativos que procuram dar resposta aos novos desafios e exigências do espaço público contemporâneo.

De entre vários grupos de artistas e arquitectos que desenvolvem trabalho nesta área, foram escolhidos três exemplos de colectivos que, pela diversidade e consistência do seu trabalho ao longo dos anos, representam e definem aquilo que caracteriza este tipo de práticas espaciais.

No entanto, e face à natureza e objectivo deste texto, não foram desenvolvidas outras questões associadas ao trabalho destes colectivos e da sua relação com o espaço público em termos de políticas urbanas, as quais serão aprofundadas em textos subsequentes, no âmbito do desenvolvimento da dissertação de tese de doutoramento em curso a que está associada esta investigação.

BIBLIOGRAFIA

Assemble (sem data) *Granby Four Streets*. disponível em: http://assemblestudio.co.uk/?page_id=862 (consultado a 13 de Abril 2016).

Assemble (sem data) *Folly For a Flyover*. disponível em: http://assemblestudio.co.uk/?page_id=5 (consultado a 17 maio 2016).

Ascher, F. (2012); *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico*, Lisboa, Livros Horizonte.

Awan, N., Schneider, T., & Till, J. (2011); *Spatial Agency Other Ways of Doing Architecture*, London and New York: Routledge.

Bishop, C. (2012), *Artificial hells: participatory art and the politics of spectatorship*, London and New York: Verso.

Gadanhó, P. (2006). Para que serve a arquitetura?. *Opúsculo 2*, Porto: Dafne Editora. Disponível em <http://dafne.pt/pt/colecoes/opusculos>

Gausa, M., Guallart, V., Müller, Soriano, F., Morales, J., & Porras, F. (2001) *Dicionario Metapolis Arquitetura Avanzada*. Barcelona, ACTAR.

Granby Workshop (2016) disponível em: <http://www.granbyworkshop.co.uk/pages/about-us> (consultado a 4 de Abril, 2016).

Goodman, N. (1978). *Ways of Worldmaking*. Indianapolis: Hackett Publishing Company (versão portuguesa: *Modos de Fazer Mundos*. Porto: Edições Asa, 1995).

Hopkins, D. (Ed.). (2006). *Neo-Avant-Gard*. Amsterdam - New York: Editions Rodopi B.V. (Avant-Gard Critical Studies, no. 20)

Krauss, R. (1985). Sculpture in Expanded Field. In, *The Originality of the Avant-Garde and other Modernist Myths*. (pp. 276-90) Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press.

Krauss, R. (2014), The Expanded Field *Then: A Roundtable Conversation*. In Papapetros, S. & Rose, J.(eds.) *Retracing the Expanded Field : Encounters between art and architecture* (pp.1- 45). Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press,.

Kwon, M. (2014). The Expanded Field *Now: A Roundtable Conversation*, In Papapetros, S. & Rose, J.(Eds.) *Retracing the Expanded Field : Encounters between art and architecture*.(pp. 91-127). Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press,.

Lefebvre, H. (2012). *O Direito à Cidade*. Lisboa: Letra Livre.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

McDonough, T. (Ed). (2002). *Guy Debord and The Situationist International: texts and documents*. "An October book" Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press

Norberg-Schulz, C. (2006). O fenômeno do lugar. In Nesbitt, K. (org.) *Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995)*, (2ª edição, pp. 444-61). São Paulo: Cosac Naify.

Pallasmaa, J. (2005) *Os Olhos da Pele: A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: ARTMED EDITORA S.A.

Pallasmaa, J. (2006) A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In Nesbitt, K. (org.) *Uma nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995)*, (2ª edição, pp.481-89). São Paulo: Cosac Naify,.

Plastique Fantastique (sem data), *Platform for temporary architecture*. disponível em: <http://www.plastique-fantastique.de/Plastique-Fantastique> (consultado a 4 de Abril 2016).

Plastique Fantastique (sem data), *Sound of Light*. disponível em: <http://www.plastique-fantastique.de/SOUND-OF-LIGHT> (consultado a 17 de maio 2016).

Raumlaborberlin (sem data), disponível em: <http://raumlabor.net/> (consultado a 12 de Abril, 2016).

Raumlaborberlin (sem data), *Statement*. disponível em, <http://raumlabor.net/statement/> (consultado a 12 de Abril, 2016).

Raumlaborberlin (sem data), *Eichbaumoper*. disponível em: <http://raumlabor.net/eichbaumoper/> (consultado a 12 de Abril 2016).

Rendell, J. (2006). *Art and Architecture: A Place Between*. London: I.B. Tauris.

Rose, Julian. (2014) The Expanded Field Now: A Roundtable Conversation. In, Papapetros, S. & Rose, J. (Eds.), *Retracing the Expanded Field : Encounters between art and architecture* (pp.91-127). Cambridge, Massachussetts, London, England: MIT Press,.

Serra, R. (1994) *Richard Serra/ Writings/ Interviews*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

Sykes, A.K. (2010a), Introduction, Architecture's Expanded Field/ Anthony Vidler. In Sykes, A.K.(Ed.) *Constructing a new agenda for architecture: architectural theory 1993-2009* (pp.318-19). New York: Princeton Architectural Press.

Tate (sem data). *Turner Prize 2015*. disponível em: <http://www.tate.org.uk/whats-on/tramway/exhibition/turner-prize-2015> (consultado a 4 de Abril 2016).

Vidler, A. (2010). Architecture's Expanded Field. In Sykes, A.K.(Ed.) *Constructing a New Agenda for Architecture: Architectural Theory 1993-2009* (pp.320-331). New York: Princeton Architectural Press.